

O BANQUETE MESSIÂNICO É PARA TODOS

Me. Flávia Luiza Gomes Costa*

RESUMO

O artigo propõe uma leitura da terceira parte do Evangelho de Marcos (6,30-8,26). O processo hermenêutico perpassará pelo viés de que o escrito evangélico se constitui em uma catequese narrativa onde o autor quer mostrar que Jesus é o Messias que convida ao banquete messiânico tanto judeus quanto pagãos. Assim, o alvo é clarear com a vida de Jesus o momento escuro pelo qual a comunidade pós-pascoal enfrenta com relação ao acesso à boa notícia pelos pagãos. Para tanto a lógica que entrelaça o relato é teológica com um mínimo respeito à cronologia visando a uma mensagem aos cristãos do tempo de Marcos por meio de técnicas de interpretação comumente utilizadas no judaísmo. O propósito teológico é fazer, portanto, compreender que o ensino de Jesus é alimento para os israelitas e também para os pagãos sendo

ABSTRACT

The article proposes a reading of the third part the gospel of Mark (6:30 to 8:26). The hermeneutical process bias pervaded by the gospel is written in a catechesis narrative where the author wants to show that Jesus in the messiah messianic banquet that invites both Jews and gentiles. Thus, the aim is to lighten the life of Jesus the dark moment in which the post-Easter community faces with regard to access to good news by the pagans. For both the logic that weaves the story a theological one with no respect to the chronology in order to send a message to Christians from the time of Mark through acting techniques commonly used in Judaism. The theological purposes, therefore, understand that the teaching of Jesus is food for the Israelites and the gentiles also being shown the utter incomprehension of the disciples on that reality.

* Especialista em Teologia Bíblica e Mestre em Ciências da Religião. E-mail: flavia@clrgomes.com.br.

evidenciada a total incompreensão dos discípulos diante dessa realidade.

Palavras-chave: *Judeus. Pagãos. Alimento. Boa notícia. Banquete messiânico.*

Keywords: *Jews. Gentiles. Food. Good news. Messianic banquet.*

INTRODUÇÃO

Os relatos da terceira parte do Evangelho de Marcos, que concluem a primeira metade do evangelho, com finalidade de mostrar Jesus como Messias, estão elaborados entre as duas cenas da “multiplicação dos pães” (6,30–8,26). Essas duas cenas parecem, à primeira vista, ser apenas uma duplicação de narrativa, se não fosse pelo fato da primeira ocorrer em um contexto israelita e a segunda em contexto pagão. Assim, a terceira parte é apresentada como em forma de um sanduíche, que tem como recheio entre uma multiplicação e outra, relatos que mostram Jesus num embate com a questão do puro e impuro, ou seja, da separação e distinção entre judeus e pagãos. Ainda como introdução à quarta parte do evangelho, esse bloco é finalizado com a incompreensão dos discípulos e a cura de um cego, em dois momentos, por Jesus.

Para o estudo dos textos que compõem a terceira parte do evangelho de Marcos (6,30–8,26), torna-se relevante, na análise de cada cena, a consideração de tal texto dentro do contexto de toda a terceira parte, bem como de todo o Evangelho. Isso porque, o Evangelho foi escrito ou redigido dentro de um projeto literário de narrar a história de Jesus com um fim catequético de evidenciar que o crucificado é o Filho de Deus. Não uma história como se entende o termo nos tempos modernos, como uma biografia, mas antes com um propósito teológico de tecer relatos contínuos e coerentes, que apesar de um mínimo respeito à cronologia não se deixa dirigir por ela, sobre Jesus e seus discípulos que deram origem à Igreja. A lógica que liga os relatos, portanto, é teológica e não uma biografia dos acontecimentos. Por isso, na apreensão do sentido dos textos é preciso perceber o fio condutor teológico no qual a narrativa vai sendo construída tendo em conta que Marcos escreve muito pouco, pois o seu trabalho e sua maestria são conhecidos na junção das tradições já existentes, a fim

de fazer uma catequese narrativa para os cristãos do seu tempo, por meio de técnicas de interpretação comumente usadas no judaísmo.

Dessa forma, utilizando de meios literários inspirados na tradição judaica para a atualização da Escritura, o escrito evangélico se torna uma resposta aos discípulos e discípulas que, ao relerem a história de Jesus, no contexto da Palavra revelada do Antigo Testamento, buscam uma resposta para o momento histórico em que vivem. Essa técnica de interpretação, que na verdade é bem mais do que uma simples interpretação de um texto, por na verdade implicar em uma procura através da Escritura, de uma Palavra de Deus que seja resposta para uma nova situação histórica, se denomina de *derásh*.

Esse verbo, em seu sentido original, significa “buscar”, “procurar”. Por meio do evento de Jesus se interpreta as Escrituras, a fim de que elas se tornem relevantes para a nova situação vivenciada. É buscar uma palavra de Deus nas Escrituras a partir de Jesus. O povo judeu não acorria às Escrituras para pesquisar relatos de uma Palavra divina do passado, mas antes para procurar, por meio do texto, uma palavra para o presente, o que certamente era bem conhecido de Marcos, quanto aos primeiros judeu-cristãos. Por isso, o mesmo faz o Evangelista, pois sua pretensão não é escrever para apenas guardar a memória da vida de Jesus, mas sim procurar uma Palavra viva de Deus nessa vida. Portanto, para Marcos e seus contemporâneos, “a memória dos atos e das palavras de Jesus tem sempre como finalidade *procurar* compreender as palavras e o agir do Senhor ressuscitado à sua Igreja, no momento presente”.¹

Para tanto, diante do desafio da compreensão dos textos da terceira parte de Marcos, aqui especificamente, resta ainda considerar, que Marcos escreve por volta do ano 70 d.C. e, provavelmente, elabora seu evangelho em Roma. É plausível o fato de que essa comunidade possa ter sentido a necessidade de colocar por escrito as tradições apostólicas após a morte de Pedro e Paulo. Diante de tais considerações, segue o estudo da perícopé proposta com o desafio de entender Marcos, nessa terceira parte do evangelho, a partir do movimento missionário e catequético da primitiva igreja, sendo o texto evangélico endereçado a uma comunidade de cristãos não judeus.

¹ GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *Notas introdutórias ao Evangelho de Marcos*. Belo Horizonte: FAJE, 01 mar. 2010, n. p. (6f. Notas de Aula).

1. O ENSINAMENTO DE JESUS É ALIMENTO PARA ISRAEL (6,30-44)

O começo da narrativa da terceira parte do evangelho mostra os discípulos retornando da missão e relatando² a Jesus tudo quanto tinham feito e ensinado. Jesus os chama a ir para um lugar reservado, um deserto, a fim de que possam se alimentar. Desde já, surge o tema da comida o qual vai perpassar por toda a terceira parte do Evangelho. Dessa maneira, a cena da multiplicação dos pães será compreendida se lida dentro do contexto do preparo dos discípulos, por parte de Jesus, para cumprirem a missão. Eles precisam se alimentar, mas antes, o alimento, no contexto do cumprimento da missão, parece ser a própria boa notícia. Sempre que Jesus chama os discípulos a um lugar a parte é para dar uma lição, uma instrução. Talvez até para que não se deixassem ensoberbecer pelo êxito da missão.

No entanto, apesar de partirem sozinhos no barco, quando chegam ao deserto, o texto informa que já havia uma grande multidão à espera de Jesus. Certamente, nesse ponto “Marcos recorda a saída dos hebreus do Egito para o deserto, a caminho da liberdade e da vida”.³ Assim, da mesma forma que no passado Javé tirou os hebreus daquela opressão e os atraiu ao deserto para alimentá-los com o maná, Jesus atrai o povo faminto, ao deserto, explorado pelos próprios líderes religiosos e pelo império Romano para celebrar o banquete messiânico. Portanto, é a participação em um novo êxodo.

O relato da multiplicação dos pães, bem como os que estão entre as multiplicações, tem caráter simbólico, pois se trata de uma leitura *derásica* da vida de Jesus, que assim como já evidenciado acima, é uma leitura da vida de Jesus com recurso ao Antigo Testamento, mostrando como nele se realiza as promessas messiânicas. Esse simbolismo já se manifesta no

² O relato dos discípulos corresponde a uma prestação de contas sobre a missão que Jesus os havia outorgado descrita em 6,7-13. A narrativa, após interrupção retrospectiva sobre João Batista, continua em 6,30 com o regresso dos discípulos. É nesse contexto que o relato da multiplicação dos pães deve ser lido considerando que os discípulos anunciaram, em sua missão, a judeus e agora receberiam ensinamentos para compreender que a boa notícia deve alcançar também os gentios.

³ BORTOLINI, José. *O Evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006, p. 129.

número de cinco mil pessoas, sem contar mulheres e crianças, pois seria impossível tamanha aglomeração naquela região.⁴

A comoção de Jesus diante da multidão é pelo fato de estar como ovelha sem pastor, o que se traduz numa fome. Tal compaixão imediatamente é transformada no gesto concreto de Jesus, em “ensinar muitas coisas” à multidão. O alimento principal já está ressaltado aqui: “não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que desce da boca de Deus”. O alimento é o ensinamento de Jesus.

O tema da comida já está esboçado desde o início do texto, mas com a distinção de que os apóstolos e Jesus não têm tempo para comer, enquanto que o povo não tem o que comer. É de se indagar sobre como poderá haver anúncio da boa notícia se o povo está passando fome. “Não seria a própria comida a boa notícia ou, pelo menos, parte essencial dela?”⁵

No entanto, parece que os discípulos pouco ou nada entenderam do ensinamento que Jesus quer trazer para eles, ao sugerirem que o povo seja despedido a fim de comprarem o que comer. Jesus quer ensinar aos apóstolos a partilhar tudo e, assim, é através deles que Jesus vai agir. Se houver partilha dos bens que se possui, inclusive dos religiosos, da palavra de Deus, um novo êxodo vai acontecer. As palavras do Antigo Testamento nas mãos de Jesus se tornam alimento para a multidão.

Dessa maneira é possível intuir sobre o significado simbólico dos números na narrativa. Os cinco pães podem ser uma alusão aos cinco livros da Lei, o alimento da palavra de Deus ao seu povo que, em Jesus, manifesta a sua plenitude. A presença dos peixes dá realidade à narrativa, enquanto alimento indispensável de se comer com os pães. Da mesma forma, tem-se uma nova alusão às Escrituras na organização do povo, em grupos, pois Moisés também dividiu o povo para cuidar melhor de suas necessidades. E os doze cestos cheios simbolizam as doze tribos de Israel, evocando que há alimento para todo o povo do Israel restaurado.

⁴ Cf. GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *O banquete messiânico para judeus e pagãos: anotações a Marcos 6,30–8,26*. Belo Horizonte: FAJE, 01 mar. 2010, n. p. (6f. Notas de Aula).

⁵ BORTOLINI, José, *op. cit.*, 2006, p. 129.

Ante aos pães e peixes, com a realidade da fome da multidão, “em vez de uma ação miraculosa, Jesus simplesmente fez a oração que todo pai de família judeu fazia antes das refeições e antes de distribuir o pão repartido”.⁶

2. A INCOMPREENSÃO DOS DISCÍPULOS (6,45-56)

Os apóstolos haviam chegado empolgados da missão e agora Jesus os leva adiante. Devem entrar sozinhos na barca e ir à Betsaida, portanto, em território pagão. Mas os discípulos enfrentam o vento contrário e ficam com dificuldade para remar. Essa cena simbólica alude à dificuldade dos discípulos em entender e se comprometer com a missão de pregar aos pagãos. Expressa ainda uma resistência no acolhimento dos pagãos. Aqui se torna claro que a intenção de Marcos é mostrar o projeto da partilha do alimento, da boa notícia, dos ensinamentos de Jesus, alcançando outros povos. Assim, torna-se clarividente que os ventos contrários simbolizam as dificuldades em “atravessar” para “fermentar” o outro lado com a boa notícia que faz acontecer o Reino.

Sobre Jesus, é relatado que ele estava no monte, em oração. Naquela cultura o topo do monte representava maior aproximação de Deus. Grandes personagens do passado já tinham feito essa experiência: Moisés (Êxodo 32) e Elias (1Reis 19). A situação de Moisés na montanha, enquanto o povo vive uma situação difícil, ajuda a entender o episódio de Marcos. De fato, os discípulos estão perdidos desde o episódio dos pães, incapazes de compreender e de se comprometer. Mas Jesus aparece declarando “sou eu”. Essa expressão à luz do Antigo Testamento é uma abreviatura do nome “Javé”. Jesus está atribuindo a si o poder de Javé. Já em um momento de dificuldade declara que Deus caminha sobre as ondas do mar em meio ao seu desespero (Jó 9,8).

Marcos associa os dois episódios em torno desse tema: “não tinham compreendido o episódio dos pães, o coração deles estava endurecido” (6,52). As dificuldades da travessia, portanto, estão estritamente ligadas ao fato anterior. A incompreensão daquele gera a dificuldade deste. A expressão “coração endurecido”, no Antigo Testamento, caracterizava as resistências ao

⁶ BALANCIN, Euclides Martins. *O evangelho de Marcos: quem é Jesus?* 7. ed. São Paulo: Paulus, 2005, p. 90.

projeto de Javé. E entre os que resistiam havia também o Faraó. Aqui em Marcos os discípulos é que resistem ao projeto de Javé. Por isso é que eles pensam ser Jesus um fantasma, o que sinaliza para a total incompreensão.⁷

O objetivo inicial, ao entrarem na barca, era chegar a Betsaida (território pagão), mas de acordo com Marcos 6,53, a travessia termina em Genesaré, ou seja, em território judeu, na Galileia. Não conseguiram fazer a travessia da boa notícia pela resistência e incompreensão de que o banquete messiânico é para todos.

3. JESUS DERRUBA A BARREIRA ENTRE JUDEUS E PAGÃOS (7,1-23)

Nesse trecho Marcos mostra uma série de ditos de Jesus com relação à pureza ritual nos ensinamentos dos fariseus. Isso fazia radicalmente distinção e separação entre os judeus e os pagãos. A função desses relatos é mostrar que Jesus aceita os pagãos em sua mesa messiânica, fazendo cair a barreira que os separava dos judeus.

A primeira cena se conforma pela crítica aos discípulos de Jesus por comerem sem lavar as mãos, com as mãos sujas (impureza, profano), enquanto que no relato anterior o povo passa fome. O tema da comida perpassa por toda a narrativa. Mas Jesus confronta seus adversários, mostrando que a palavra de Deus acaba se tornado estéril por causa da tradição. Jesus ensina uma nova moral a qual não se baseia naquilo que vem de fora, mas está centrada na consciência humana. Ensina que toda a maldade vem do coração do homem. Assim, há outro alimento que sustenta a pureza ou impureza de uma pessoa que é o coração, mas não se refere aos sentimentos, e sim à consciência. Jesus aboliu a lei sobre a pureza e impureza que fazia diferença entre judeus e pagãos.

Jesus responde aos seus adversários usando um texto de Isaías (29,13) que expressa uma de suas denúncias sobre culto vazio. De tal forma que Jesus os “acusa de hipócritas, ou seja, bons atores, que fingem uma religião de exterioridade, sem compromisso”.⁸

⁷ Cf. BORTOLINI, José, *op. cit.*, 2006, p. 130.

⁸ BORTOLINI, José, *op. cit.*, 2006, p. 140.

Jesus estabelece uma nítida distinção entre mandamento de Deus e tradição dos homens e confronta seus adversários por não cumprirem o mandamento de honrar pai e mãe (Ex 20,12; Dt 5,16). Honrar significa um compromisso de sustentar financeiramente do qual os adversários de Jesus se esquivavam em nome de um voto. “O voto *korban* referia-se à prática que consistia em consagrar ou prometer a propriedade e os recursos da pessoa ao templo”.⁹ No entanto, Jesus descreve uma situação em que o voto se transforma em maldição ao ser usado para esquivas, em relação à responsabilidade econômica para com os pais, de acordo com a Torá.

Mais uma cena em que Jesus está às voltas com questões em torno da temática sobre comida e distinção entre judeus e pagãos, puros e impuros no objetivo de mitigar os entraves para o entendimento de que a boa notícia deve ser oferecida a todos.

4. A BOA NOTÍCIA ROMPE FRONTEIRA (7,24-30)

Tem-se mais uma incursão de Jesus em território pagão (fato que recorda um episódio na vida do profeta Elias, 1 Reis 17). Jesus derruba a ideologia farisaica, entrando numa casa em território pagão. O desejo de Jesus, para que ninguém soubesse que ele estava ali, se explica pelo ocorrido no episódio anterior. O enfrentamento com as lideranças religiosas judaicas poderia estar causando ameaças à vida de Jesus. Assim, ele se retira para se proteger.

Mas a presença de Jesus não fica oculta porque uma mulher pagã ouviu falar dele. Além de salientar que a mulher é pagã (7,26), Marcos quer chamar a atenção mais uma vez para o fato de que Jesus quer que seus discípulos compreendam a inclusão dos não judeus em sua mesa messiânica.

Como os judeus chamavam os pagãos de cachorros, se constrói um diálogo de Jesus com a mulher siro-fenícia, colocando tais palavras na boca de Jesus a fim de corrigir a mentalidade dos discípulos e também de promover a acolhida dos pagãos por meio dos ouvintes do evangelho.¹⁰ Esse

⁹ MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos: grande comentário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 272.

¹⁰ GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *O banquete messiânico para judeus e pagãos, op. cit.* n. p.

relato tem, portanto, a finalidade clara de corrigir uma mentalidade que não condiz com a missão messiânica de Jesus. Essa cena quer justificar com a vida de Jesus a missão da igreja, mostrando que os pagãos devem ser admitidos à mesa. Assim, o tema da comida continua, pois a mulher expressa o desejo de comer das migalhas. Comer, obviamente, da palavra de Deus plena nos ensinamentos de Jesus que também quer alcançar os pagãos.

5. A CONDIÇÃO DOS DISCÍPULOS EXPOSTA NA VIDA DE UM SURDO E GAGO (7,31-37)

Marcos apresenta nesse trecho um segundo relato de cura em território pagão, fazendo, assim, ligação entre esse episódio e o anterior. É a cura de um surdo e gago. Novamente se evidencia o acesso dos pagãos à mesa messiânica de Jesus, ou seja, à palavra de Deus. Porém, também mais uma vez tem-se o fenômeno da ausência dos discípulos e esse detalhe reforça a pergunta: “quem é o discípulo de Jesus?”.

Como parte desse processo de mudança de mentalidade para inserção dos pagãos à mesa de Jesus, esse homem personifica a situação dos discípulos. Isso porque a surdez no Antigo Testamento aparece como a incapacidade de ouvir a palavra de Deus. Essa é a surdez dos próprios discípulos. Assim como aquele homem que não ouvia foi levado a Jesus, também quem não ouve a palavra nunca irá livremente a Jesus, mas terá que ser levado.

“Do ponto de vista do discípulo, esse fato também quer ressaltar a precedência da escuta sobre a fala, fazendo a segunda depender da primeira”.¹¹ No entanto, o homem não é totalmente mudo, é gago. Isso evidencia a situação dos discípulos que, por não ouvirem, não podiam proclamar a palavra de Deus. Precisavam também do toque de Jesus, precisavam se abrir para as palavras de Jesus, para proclamarem com inteireza a boa notícia que deveria ser estendida aos pagãos. É preciso a cura da surdez e mudez no âmbito da escuta da Palavra de Deus e sua proclamação para o seguimento de Jesus.

¹¹ BORTOLINI, José, *op. cit.*, 2006, p. 151.

6. OS PAGÃOS À MESA DO BANQUETE MESSIÂNICO (8,1-9)

A temática do acesso dos pagãos à mesa da Palavra de Deus continua sendo desenvolvida, agora, no simbolismo de um segundo texto da multiplicação de sete pães para quatro mil pessoas. Torna-se claro que o sentido é o mesmo do relato da primeira multiplicação, mas há uma diferença fundamental, pois agora ela ocorre em território pagão. É o resultado positivo da tentativa frustrada de 6,45ss.

Chega-se a conclusão de que a fome é igual para todos, judeus e não-judeus. Não adianta estar com Jesus, pois precisam também de um alimento, palavra de Deus para não perecerem no caminho. Assim, o evangelho quer mostrar que a luta para superá-la ultrapassa as barreiras de raça ou de religião. Indistintamente, Jesus sente compaixão por todos. Marcos conserva dois episódios tão parecidos para mostrar que os pagãos têm lugar à mesa de Jesus e que seus discípulos (judeo-cristãos) precisavam compreender e mudar a mentalidade. Assim, em todo esse processo da primeira multiplicação até a segunda, em contexto pagão, Marcos quer abrir os olhos de quem pretende seguir a Jesus, alertando que também os que são de outra raça e religião têm direito à comida do banquete messiânico e não apenas às migalhas.

No simbolismo do relato, pode-se perguntar se a menção do número de quatro mil dos que comeram não faria alusão aos quatro pontos cardiais, sugerindo que a mesa está aberta aos pagãos provenientes de todos os lugares, como também se entrever plenitude no número dos cestos que sobraram, sete, como também o número de pães, apontando mais uma vez para todo o mundo, a plenitude das nações.¹²

7. PROCESSO QUE OS DISCÍPULOS PRECISAM PASSAR (8,10-26)

Retornando ao território de judeus, os fariseus e os discípulos estão diante de Jesus com atitudes parecidas. Os fariseus pedem um sinal, “mas para Marcos os sinais são procurados somente pelos incrédulos e constituem indicador não-confiável do sentido dos eventos (ver 13,4-22)”¹³ e, por isso,

¹² Cf. GOPEGUI, *O banquete messiânico para judeus e pagãos*, op. cit., n. p.

¹³ MYERS, Ched, op. cit., 1992, p. 275.

Jesus se recusa a manifestar algum sinal a esses incrédulos. Da mesma forma os discípulos terminam totalmente reprovados. Mas isso não deve desanimar, pois apesar de os seguidores de Jesus não veem, mesmo tendo olhos, e não ouvirem, mesmo possuindo ouvidos, Jesus é capaz de abrir olhos e ouvidos (7,31; 8,22, o episódio seguinte).

Jesus alerta aos discípulos para que não façam como os fariseus, os quais não entendiam que o sinal é o próprio Jesus, pois com ele as pessoas começam a viver ao se alimentar da palavra de Deus. Os discípulos, no entanto, ainda não entendem ao considerar que o pão dos pagãos não serve para os judeus, aludido no fato de que não levaram pães da multiplicação ocorrida em território não judeu. O único pão mencionado no barco refere-se a Jesus, mas os discípulos não compreendem.

Encerrando a terceira parte e introduzindo a seguinte, tem-se a cura de uma cegueira. Tomada em sentido simbólico, o objetivo parece claro: cegueira no sentido da dificuldade ou resistência em aderir a Jesus e à boa notícia que deveria chegar até aos pagãos. A cura acontece em território pagão. Jesus toca com a saliva, o que equivale ao toque com o Espírito de Jesus. Da mesma forma, Jesus tem que abrir os olhos dos seus discípulos para que o reconheçam como Messias. A cura em dois momentos fala do desenvolvimento gradual dos discípulos. Mas Jesus não queria, na linha do segredo messiânico, ser proclamado como o Messias na mentalidade judaica, por isso o texto conclui com a advertência de Jesus: “Não entres na aldeia”.

CONCLUSÃO

Esse texto é uma catequese do tipo *derásico*. É a interpretação de Jesus com recurso ao Antigo Testamento. A história não quer apenas narrar o que aconteceu na vida de Jesus, mas sim a partir da vida de Jesus discernir o que vai acontecer com a Igreja.

Marcos quer mostrar que Jesus é o messias que convida, ao banquete messiânico, judeus e pagãos. Assim, o alvo é clarear com a vida de Jesus o momento escuro pelo qual a comunidade pós-pascoal enfrenta com relação ao acesso à boa notícia pelos pagãos. Há os que continuam desprezando os pagãos exigindo que se tornem primeiramente judeus, para serem cristãos. A tempestade se levanta, é a mentalidade e a incompreensão contra a igreja, quando ela começa ir em direção aos pagãos.

Como Marcos escreve em Roma para uma comunidade de não judeus, está levando a mensagem a esses de como Jesus derrubou as barreiras entre judeus e pagãos, erigindo uma nova moral, fazendo os discípulos entenderem que na mesa messiânica tem lugar para todos de todas as nações. O pão é Jesus, a plenitude da Palavra de Deus encarnada para todos quantos o aceitarem, reconhecendo o crucificado como messias filho de Deus.

Para os cristãos hodiernos a mensagem também é recorrente, a fim de que se apreenda a necessidade da abrangência da anunciação e proclamação da boa notícia do Reino de Deus. A mensagem e a vida de Jesus são alimentos não excludentes, mas ao contrário, sempre aberta para acolhida de todos indistintamente. A cristandade contemporânea pode ser, com tal mensagem, mais desafiada a compartilhar o pão da vida, Jesus Cristo, para além de suas tradições, preconceitos, exigências que nem Jesus fez para acolher a tantos, despindo-se também do despautério da tentação de erigir códigos de regras e condutas, como pré-requisitos para se arvorarem na condição de julgar os “merecedores” de fazerem parte da mesa à qual Jesus já estendeu a todos quantos têm fome.

BIBLIOGRAFIA

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.
- A BÍBLIA DO PEREGRINO. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- BALANCIN, Euclides Martins. *O evangelho de Marcos: quem é Jesus?* 7. ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- BORTOLINI, José. *O Evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *Começo do Evangelho de Jesus Cristo Segundo Marcos*: Tradução literal do grego com estruturação do texto. Belo Horizonte: FAJE, 01 mar. 2010, n. p. (47f. Notas de Aula).
- _____. *Notas introdutórias ao Evangelho de Marcos*. Belo Horizonte: FAJE, 01 mar, 2010, n. p. (6f. Notas de Aula).
- _____. *O banquete messiânico para judeus e pagãos: anotações a Marcos 6,30-8,26*. Belo Horizonte: FAJE, 01 mar. 2010, n. p. (6f. Notas de Aula).
- MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes. *Caminhando com Jesus: círculos bíblicos do Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulus, 2003.
- MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos: grande comentário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1992.